

À MESA COM MARCEL PROUST

At the table with Proust

En la mesa con Proust

Michelle Cristine Medeiros Jacob

Autora correspondente. Professora do Departamento de Nutrição do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN

E-mail: michellejacob@ufrn.edu.br

Josimey Costa da Silva

Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN

E-mail: josimeycosta@gmail.com

Resumo

A literatura e a comida são produtos de significação cultural. A análise do componente alimentar de textos literários, portanto, pode se constituir em um profícuo campo de investigação nas Humanidades. Compreendendo o texto literário como o produto de inter-relações entre o sentido atribuído pelo leitor, a voz ficcional e o seu contexto de produção, o objetivo deste artigo, apresentar um recorte da alimentação na vida de Marcel Proust, autor de *Em busca do tempo perdido*.

Palavras-chave: Marcel Proust; *Em busca do tempo perdido*; Literatura; Alimentação.

Abstract

Literature and food are products of cultural significance. The analysis of the food component of literary texts, therefore, can constitute a useful field of investigation in the Humanities. Understanding the literary text as the product of the interrelationship between the sense attributed by the reader, the fictional voice and its context of production, the purpose of this article is to present a food cut in the life of Marcel Proust, author of *In Search of lost time*.

Keywords: Marcel Proust; *In Search of lost time*; Literature; Food.

Resumen

La literatura y la comida son productos de significado cultural. El análisis del componente alimentario de textos literarios, por lo tanto, puede constituirse en un provechoso campo de investigación en las Humanidades. En el sentido de este artículo, presentar el recorte de la alimentación en la vida de Marcel Proust, autor de *En busca del tiempo perdido*, el significado de este artículo, perdida.

Palabras clave: Marcel Proust; *En busca del tiempo perdido*; Literatura; Alimentación.

Introdução

Comida: o último pecado das velhas e novas literaturas (Queiroz, 1994). A lista de autores e autoras que explora alimentação em suas páginas é extensa: da frugalidade rousseauiana ao gozo impuro pangruélico, da gastronomia ilustrada de Eça de Queirós ao banquete de fome do Lazarillo, dos bocadinhos memorialísticos de Pedro Nava à transformação permanente da culinária antropofágica de Oswald de Andrade e, ainda, a escrita potente de Cora Coralina, Laura Esquivel e Adélia Prado, defensoras daquilo que poderíamos chamar de uma revolução doméstica: a liberdade não está fora da cozinha, liberdade é poder estar onde se deseja estar, inclusive na cozinha, criando e afetando outros. Adicionem-se ainda, Jorge Amado, João Cabral de Melo Neto, Raquel de Queiroz, Jane Austen, Joane Harris, José Lins do Rêgo, Cíntia Moscovich, Mia Couto, Gertrudes Stein, Cecília Meirelles e tantos outros e outras.

Dentre eles, há um em especial, que fez desse encontro uma constante em sua obra e em sua vida. Chama-se Marcel Proust. No seu projeto de uma vida que foi a *Recherche* - traduzida para o português como *Em busca do tempo perdido* - alimentos e bebidas encontram um lugar central nas narrativas. Uma de suas cenas mais analisadas, o primeiro episódio de memória involuntária, é protagonizado por bolinhos chamados *madeleines* e uma xícara de chá. Marcel Proust desvenda em suas páginas uma culinária: são restaurantes, maneiras à mesa, receitas, bebidas.

Almoços de Combray, lanches de Rivebelle, jantares nos Guermantes, cozinha de Françoise, hospedaria de Doncières, restaurante de Balbec, tantas são as refeições na Recherche du Temps Perdu que bem poderia ser apenas uma viagem em torno de uma mesa (Cosnier, 1971, p. 204).

A mais antiga análise sobre comidas e bebidas na obra capital de Proust foi produzida por Collin (1970). Mais recentemente, Jacob (2017) desenvolveu uma análise sobre a alimentação que foge aos padrões de docilidade, simetria e distinção social proustianos, presente nas cozinhas, nas feiras, nos bordéis e na escassez da guerra, a qual denominou culinária indócil. Essa culinária é um convite para a desintegração do divino e dócil

bolinho. É um “convite para passear pelas cloacas”: para conhecer o que acontece por trás da mesa ordeira e previsível dos salões, onde os criados incessantemente correm para servir mesas, recolher copos, estrangular frangos, onde os soldados como que admirando uma vitrine passam famélicos pelas vidraças dos restaurantes, onde os gritos de feirantes e a multidão que se esbarra borram a estética da discrição e da distinção proustianas (Proust, 2008, p. 131).

Além disso, os diversos autores e autoras empenhados em escrever biografias de Marcel Proust destacam como a experiência da comida teve um papel de importância em sua vida: deleitava-se com pequenos prazeres, distinguia as sutilezas do paladar que encontrava em pequenos bocados de uma fruta, um sorvete ou uma *confiture*, admirava profundamente as cozinheiras que passaram por sua vida.

Compreendendo que o texto literário para além de sua voz ficcional, mas também como produto de seu contexto de produção, onde se localiza o autor (HONES, 2017), o objetivo deste artigo, apresentar um recorte da alimentação na vida de Marcel Proust. Para isso em o autor é apresentada sua biografia, em sua obra faz-se uma tomada de sua produção capital e de seus principais cenários com a finalidade de explorar os espaços ficcionais produzidos pelo autor e, por fim, em seus comes e bebes são abordadas particularidades de sua dieta.

1. O autor

O sabor de um bolinho e o aroma de uma xícara de chá são codinomes para uma das maiores obras da literatura universal. Mesmo aqueles que nunca leram as mais de 2000 páginas que compõem *Em busca do tempo perdido* reconhecem-na quando escutam falar nas famosas *madeleines* que formam o cenário que lançou a obra para o mundo. Seu autor chama-se Valentin Louis Georges Eugène Marcel Proust ou, apenas, Marcel Proust. Nascido na cidade em Auteuil, no dia 10 de julho de 1871 (Proust, 1999).

Seu pai, Adrien Proust, natural de Illiers¹, era o primeiro membro da família Proust a sair da pequena província. Já médico, casado com a judia Jeanne Weil, no dia 3 de setembro de 1870, estabelecem residência na Rue

Roy, 8, Paris, onde viveram até 1873. Mas, não é ali que nasce o pequeno Proust.

Jeanne engravidara poucas semanas após o casamento. A família, temendo pela segurança da gestante, em meio ao tumulto causado em Paris pela Comuna, decide mudar-se para a casa do irmão de Jeanne, Louis Weil, em Auteuil, Rue La Fontaine, 96. Ali Proust nasce. Em Auteuil ocorrem eventos que marcaram a vida do escritor. Um deles foi aos sete anos: a crise de choro histérico causada pela falta do beijo de boa noite de sua mãe.

A família, ao retornar para Paris, passou a viver no apartamento localizado no Boulevard Maiesherbes, 9, onde continuou a residir até os idos de 1900. Nessa época encontravam entre os jardins de Illiers e Auteuil um refúgio para viver durante as férias, os verões e a Páscoa. Se em Auteuil eram recebidos por Louis Weil, em Illiers eram recepcionados pela irmã de Adrien Proust, Élisabeth, e seu marido Jules Amiot. A tia Élisabeth, assim como Marcel no final de sua vida, também se tornara prisioneira de seu quarto: portadora de uma enfermidade não diagnosticada sobrevivia unicamente “com água de Vichy, pepsina, chá de tília e as famosas *madeleines*” (Painter, 1985, p. 34).

Suas idas ao campo foram interrompidas pelas angústias da asma. Os pilriteiros do campo já não faziam bem à sua respiração. As visitas ficaram cada vez mais espaçadas. Só os ares das montanhas e dos mares poderiam curá-lo. É aí que suas férias passam a ser gastas com a avó, Adèle Weil, na costa normanda: Dieppe, Tréport, Trouville, Cabourg, ou nos Pirineus. Seguiu vivendo com seus pais de 1900 a 1905 na Rue Courcelles, 45, Paris. Em 1905, após o falecimento de sua mãe, Proust decidiu passar uma temporada na clínica de repouso do psicólogo Paul Sollier, do qual ouvira falar muitas vezes por meio do escritor Léon Daudet. Em seguida, parte para uma temporada de alguns meses - agosto a dezembro de 1906 - no L’Hôtel des Réservoirs, Versailles, com Félicie, governanta da família. A morte de sua

¹ Illiers, juntamente com alguns cenários de Auteuil, confunde-se com a Combray do narrador d’À la recherche.

mãe causou um grande impacto em sua vida. Sem sua mãe, a mulher que fora seu grande amor, mergulhou de vez na escrita de sua obra. Manteve uma vida de devoção à lembrança dela. “Eu amava muito papai. Mas mamãe, no dia em que faleceu, levou seu pequeno Marcel com ela” (Albaret, 2008, p. 169).

Mudou-se para o Boulevard Haussmann, 102, em 1906. Instalado por Félicie, ali permaneceu até 1919. Nesta residência encontrava-se perfeitamente acomodado para conviver com sua rotina de trabalho e com o aparato estrutural que havia construído para sobreviver às crises de asma. Mas, o pior estava por vir. Sua tia, esposa de Louis Weil, o proprietário do imóvel, vendera a propriedade sem preveni-lo em fins de 1918. Deveria procurar outro lugar para viver. Foi na Rue Hamelin, 44, que passou seus últimos anos. Vivia ao lado de Céleste Albaret, que passou a cuidar de Proust algum tempo depois da morte de Félicie.

O primeiro dos dois filhos de Adrien e Jeanne teve sua história entremeadada por alguns dos eventos históricos de destaque no entresséculos: nasceu logo após a queda do Segundo Império, viveu a Primeira Guerra Mundial e o polêmico caso Dreyfus. O caso Dreyfus foi tema recorrente de discussão nos salões e nos cafés. Sobretudo, nas cenas descritas em O caminho de Guermantes e em pelo menos dois outros volumes da obra.

Albert Dreyfus, judeu, oficial do exército francês, foi acusado injustamente de ter revelado segredos militares ao exército alemão. Fora, em 1894, incriminado por alta traição. Só em 1906 logrou reabilitação ao Exército, após ser considerado inocente. Os personagens da Recherche dividem-se entre aqueles dreyfusistas e anti-dreyfusistas. O Duque de Guermantes (Basin) se considera mais liberal que o Príncipe de Guermantes, mas discorda da posição de seu sobrinho Robert Saint-Loup, um dreyfusista. Odette é anti-dreyfusista. O duque sente-se desapontado com Swann ao percebê-lo dreyfusista:

jamais acreditaria isso da parte dele, ele, um fino gourmet, um espírito positivo, um colecionador, um amador de velhos livros, membro do Jockey, um homem cercado da consideração geral, um conhecedor de boas firmas que nos enviava o melhor porto que se possa beber, um dileitante, um pai de família! (Proust, 2008, p. 104).

À época o escritor Émile Zola redigiu um artigo em defesa de Albert Dreyfus, que foi publicado em janeiro de 1898 no jornal L’Aurore. O artigo intitulado de J’Accuse rendeu-lhe um processo em fevereiro do mesmo ano. Marcel Proust também era dreyfusista.

Além da posição de judeu neste turbulento cenário, Proust acumulou a condição de homossexual em uma época em que frequentar um bordel para

homens rendeu-lhe registro em um relatório policial em janeiro de 1918 (Hasquenoph, 2013). A história foi mantida em desconhecimento até 2005, quando o episódio ocorrido na Rue de L'Arcade, no bairro da Madeleine, em Paris, veio à tona em pesquisa publicada por Laure Murat (Murat, 2005). A autora conta que à época o nome do Marcel Proust fora suprimido dos jornais. Em toda a biografia produzida ao seu redor parece haver uma tensão em relação ao tema de sua sexualidade. Sua mãe, por exemplo, chegou-lhe a fazer advertências em cartas a certas afetações corporais que percebia em algumas de suas fotografias.

Alguns biógrafos negam a homossexualidade (Albaret, 2008). Outros radicalizam ao afirmar que Albertine, personagem central na trama, fora inspirada em um de seus relacionamentos amorosos: Alfred Agostinelli (Citati, 1999). O escritor conhecera Agostinelli em 1907 e o contratara como motorista em maio de 1913. No ano seguinte faleceria vítima de um acidente aéreo.

Antes disso, em 1894, o escritor havia conhecido um de seus grandes amores: Reynaldo Hahn, um venezuelano que havia imigrado para França com a família, em 1877, por razões políticas. Como Proust, era artista (músico), judeu e gay. Por influência dele, Proust mergulhou no mundo da música. Segundo Edmund White (2001), o caso com Hahn teve início em 1894 e se estendeu dois anos à frente, embora os dois continuassem amigos pelo resto da vida. Fala-se também de possíveis relações com Jacques Bizet, filho de Georges Bizet, autor de Carmen, dentre outros.

Além da angústia por nunca assumir abertamente sua homossexualidade, Proust sempre tivera uma saúde delicada. Ele atribuía sua fragilidade às privações sofridas pela mãe durante a gestação, ocorrida durante o cerco e a Comuna. “Carne, pão, frutas e leite se tornaram escassos; embora seus pais [de Jeanne Weil] fossem ricos e seu marido médico, é improvável que a Sra. Proust tivesse alimentação adequada para si mesma e para o filho por nascer” (Painter, 1985, p. 22). Sentindo-se culpada, a mãe de Proust tentou se redimir com cuidados exagerados ao filho doente, que durante toda a vida conviveu com a asma.

Com a enfermidade, Proust aprendeu a conviver com a dor. Ela estava dentro dele. Durante suas crises, que geralmente aconteciam na noite, “não conseguia respirar, falar, comer, escrever; empalidecia, tinha suores frios, o corpo gelava; e febre subia até o delírio” (Citati, 1999, p. 73). Essas crises podiam se prolongar por até quarenta angustiantes horas.

A asma lhe rendeu o título de doente e o impedimento de realizar viagens e passeios. Obrigou-o a passar grande parte de sua vida preso à cama. Ela, entretanto, não o roubou de sua obsessão: a construção de sua grande obra. Ela, inclusive, oferecia uma desculpa pronta para afastar as pessoas nos momentos em que queria trabalhar (White, 2001).

E trabalhou incansavelmente. Seu primeiro livro publicado foi Sobre a leitura (*Journées de Lecture*, 1905). O que seria inicialmente um prefácio de um livro de John Ruskin, *Sésame et les lys*, de quem Proust era tradutor, transformou-se em um ensaio onde fala de sua relação com o mundo que existe nos livros: “não há talvez dias da nossa infância que tenhamos tão intensamente vivido como aqueles que julgamos passar sem tê-los vivido, aqueles que passamos com um livro preferido” (Proust, 2001, p. 5). Ler é como conversar com um grande personagem: seguir heróis em suas sagas, perder o fôlego com a correria de sua vitalidade, encerrar com um suspiro cansado. E como era fastidioso para o jovem interromper esses momentos com o chamado da velha Félicie: “vamos, fecha o livro, vamos almoçar” (Proust, 2001, p. 8). O almoço lhe parecia comprido demais. A conversa sobre confecção de pratos o aborrecia. Por que não falavam de poesia e romance? “Sonata patética” da cozinha. O almoço era encerrado. Voltava imediatamente à leitura. Essa obsessão pela leitura o acompanhou na escrita de sua grande obra *À la Recherche du temps perdu*.

2. Sua obra

A Em busca do tempo perdido, a obra de toda uma vida de Marcel Proust, ocupa um lugar de destaque no cânone da literatura clássica francesa e universal. É um livro que influenciou a obra de escritores como Virgínia Woolf, William Faulkner e de filósofos como Theodor Adorno, Walter Benjamin, Gilles Deleuze.

Tomando a ideia de Proust de que ler é conversar com um grande personagem, em Em busca do tempo perdido esse grande personagem não existe. Há, na verdade, um emaranhado de famílias mentais emissoras de signos, como costuma dizer Deleuze (2010), que juntas compõem uma teia. O narrador deseja construir o traçado desse conjunto de elementos que ora

se atraem, ora repelem, e que escondem sob si as chaves para uma redescoberta.

O narrador é um herói sem nome, salvo raros lapsos de Marcel, que se inscreve em uma jornada circular, percebida em O tempo redescoberto, na *matinée* dos Guermantes, quando o desejo de ir em busca das verdades o lançou para o inadiável trabalho de construção de sua obra: ouve a sineta que dá fim à visita de Swann a seus pais e sente o frêmito de felicidade pela subida da mãe: “Durante muito tempo, costumava deitar-me cedo” (Proust, 2006b, p. 20).

Uma cascata de espacialidades permite traçar uma cartografia imaginária da obra. A obra e a saga de Marcel podem ser descritas por meio de seus espaços. A seguir são apresentadas brevemente, à guisa de introdução, cinco dessas espacialidades.

2.1. Combray

A cidade onde o narrador passa grande parte de sua infância. Combray é uma pequena província no interior da França. É ali que fica a igreja da missa dos domingos com os campanários que o encantam. Ali, junto à tante Leónie e à fiel Françoise, a cozinheira que o acompanharia até à morte, é apresentado aos bolinhos chamados *madeleines*. Combray é uma cidade provinciana, de cheiros apetitosos e de delicadas gulhas ao lado das bocas de forno do campo:

Estava aquele ar saturado da fina flor de um silêncio tão nutritivo, tão suculento, que eu por ali só andava com uma espécie de gula, principalmente naquelas manhãs, ainda frias da semana da páscoa, em que melhor os saboreava porque mal acabara de chegar a Combray [...] e o fogo, que cozinhava como se fosse uma massa os apetitosos cheiros de que se achava coalhado o ar do quarto e que já tinham sido trabalhados e “levantados” pela frescura úmida e ensolarada da manhã, folhava-os, dourava-os, enrugava-os, trufava-os, fazendo deles um invisível e palpável bolo provinciano, uma imensa torta, na qual, depois de ligeiramente saboreados os aromas mais estalantes, mais finos, mais representáveis, mas também mais secos, do armário, da cômoda,

do papel de remagem, eu voltava sempre, com insípido, indigesto e acentuado da colcha de flores (Proust, 2006b, p. 77).

É ali também que o narrador conhece a aflição: ir dormir sem o beijo de boa noite de sua mãe que, junto com seu pai, recebia uma ilustre visita: Swann.

2.2. Os caminhos de Swann (Méséglise) e de Guermantes

Ao sair da casa em Combray para um passeio dois caminhos opostos poderiam ser tomados: se saísse pela frente da casa tomava o caminho de Méséglise, um caminho de vistas de planície, que passava pelo jardim de Swann; ou, pelos fundos, por meio do caminho de paisagens fluviais pelo qual tinha-se a melhor vista do Vivone. Por este último, chegavam aos jardins dos Guermantes. Gilberte, a filha do burguês Charles Swann com Odette de Crécy, ao casar com Robert Saint-Loup, o sobrinho da duquesa Oriane de Guermantes faria esses dois caminhos aparentemente opostos se encontrarem.

É só após a mudança para Paris, tão lastimada por Françoise, que o narrador chegará mais próximo a desvendar os mistérios dos Guermantes. A família mudou-se para um apartamento pertencente ao palácio dos Guermantes. Eles são os representantes da nobreza da Recherche. É por frequentar os seus salões que o narrador tem acesso à aristocracia parisiense da época: “jantar em casa dos Guermantes era como empreender uma viagem por muito tempo desejada, fazer passar um desejo de minha cabeça nela frente de meus olhos e travar conhecimento com um sonho” (Proust, 2007, p. 409). É por convite da duquesa, Oriane de Guermantes, por quem mantém uma paixão platônica, que ele acede a este círculo social.

2.3. Balbec

A Proust, não mais podendo gastar suas férias em Combray devido aos problemas respiratórios, o médico recomenda os ares marítimos. Viajava, por isso, com a avó e com Françoise para o balneário de Balbec, na costa francesa. Ali ficavam hospedados no Grande Hotel. Cercado pelos cuidados da avó, leitora de Madame de Sévigné, o narrador compartilhou com ela almoços memoráveis:

No grande salão do hotel e com a metade de um limão lançávamos umas gotinhas de ouro naqueles dois linguados que logo deixavam em nossos pratos a armação de suas espinhas, frisadas como uma pena e sonoro como uma crítica; [...] fazia-o fermentar, punha-o loiro e leitoso como espumante cerveja ou fervente leite (Proust, 2006a, p. 302).

Em um desses momentos em Balbec conheceu a marquesa de Villeparisis e seu sobrinho Robert Saint-Loup, representantes do Faubourg Saint-Germain, descendentes dos Guermantes. É ainda em Balbec que conheceu as moças com espírito de pássaros, as raparigas em flor, dentre elas, Albertine.

2.4. Salão Verdurin

Juntamente com o salão da Sra. Bontemps, tia de Albertine, o salão Verdurin é um dos mais badalados da obra. Até o final, mesmo com o racionamento imposto pela guerra, será um local de encontros para a sociedade burguesa parisiense. Os Verdurin eram burgueses, como a maior parte de seus habitués. Dentre eles pode-se citar o médico Cottard e sua

esposa. Mas o salão, em certo momento, passa a receber convidados representantes da nobreza, como Charlus. Uma princesa com ares de dona de prostíbulo também era convidada dos Verdurin, a princesa de Sherbatoff. A Sra. Verdurin é apresentada como alguém, ainda que espirituosa, frívola. “É verdade”, dizia [Swann], “o que há de mais baixo na escala social, o último círculo de Dante” (Proust, 2006b, p. 351). A conversação era movida por temas diversos: desde pequenos mexericos da vida mundana e alcovitagens variadas até conversas em torno de obras de arte. No salão, em dado momento, como nas descrições de Sodoma e Gomorra, Marcel começa uma evolução para a sociedade.

2.5. Sodoma e Gomorra

Espacialidade habitada pelos invertidos da Recherche, como denominava Marcel. Um lugar que só tende a crescer, visto que para o narrador todos os homens tendem a ir para Sodoma e todas as mulheres para Gomorra. O primeiro habitante de Sodoma que Marcel conhece é ainda em Combray: Théodore, ajudante de mercearia e coroinha da igreja. É, por sua vez, uma representante de Gomorra que lhe apresenta sua primeira cena de sadismo: a filha do músico Vinteuil: “no decote de seu corpete de crepe a srta. Vinteuil sentiu um beijo súbito da amiga, soltou um gritinho, escapou-se, e as duas perseguiram-se, com as largas mangas revolteando como asas, cacarejando e chilreando como dois pássaros enamorados” (Proust, 2006b, p. 207).

A cena máxima de sadismo, todavia, é vivida por um representante de Sodoma: o barão de Charlus. Irônico, insolente e original, o barão, no bordel do costureiro Jupien, era torturado por seu algoz e reclamava de sua amabilidade. Albertine, a representante maior de Gomorra, é também o grande amor do narrador. É sua prisioneira, assim como no modelo antecipado de Swann e Odette. É sua fugitiva. A ideia de que Albertine

pertença a esse mundo é uma angústia que acompanha Marcel por toda a narrativa.

Entramos numa grande confeitaria situada quase fora da cidade e que gozava naquela ocasião de certa fama. Uma senhora ia sair, e pediu suas coisas à moça da confeitaria. Assim que a senhora saiu, Albertine olhou por várias vezes para a moça da confeitaria, como se lhe quisesse chamar a atenção enquanto esta arrumava as xícaras, os pratos, os petits fours, pois já era tarde. A moça só vinha até a nossa mesa quando eu pedia alguma coisa (Proust, 2011, p. 467).

São essas as principais cartografias que dão base para a geografia culinária de que nos é apresentada por Marcel Proust. O texto literário em si pode ser compreendido como um espaço narrativo, inacabado, produto de inter-relações entre o seu contexto de produção, a voz ficcional e os sentidos do leitor (HONES, 2017). Assim, com o objetivo de produzir uma leitura suplementar a esta grande cosmogonia do século XIX, como sugere Roland Barthes (2004), a seguir são apresentados aspectos do contexto de produção desta obra, sobretudo, aqueles ligados à dieta do autor, Marcel Proust.

3. Seus comes e bebes

Correspondências, biografias e ensaios apresentam Proust como um homem que, durante anos e anos, alimentou-se das palavras que vertia em sua obra. A governanta Céleste conta que, nos últimos anos de sua vida, seu cardápio diário limitava-se a dois croissants e uma xícara de café com leite, porque para ele os alimentos roubavam sua energia para o trabalho (Albaret, 2008).

O narrador, Marcel, ao referir-se ao gosto da duquesa de Guermantes para a literatura - lábios prontos para um sagaz sorriso, olhar avivado para aprovação, quando diante de mestres - chamou-a de gourmet de literatura. Proust, assim como a duquesa, além de um reconhecido gourmet de literatura, também o era um gourmet comensal. Não um glutão ou um comilão balzaquiano – devoradores de pedaços inteiros de carne - mas um gourmet (Balzac, 2009). Aquele que observa e que vive a experiência com a alimentação como um gesto de delicadeza e produzia um discurso sobre os espaços do sabor: “Eu tenho a impressão de que comeria com prazer um brioche da casa Bourbonneux... Mas, você ouviu bem, Céleste? Da casa Bourbonneux” (Albaret, 2008, p. 104).

Aprendera com a mãe, sempre preocupada com a preparação da mesa, a geografia dos sabores parisienses: para *petits fours*, Rebattet, os melhores de Paris; para frutas, casa Auger; para sorvetes de framboesa e cereja, Ritz; para outros sorvetes, casa Poire-Blanche; para geleia, casa Tanrade; para os diários croissants, uma padaria e doceria da Rue de la Pepinière; para *rougets*, a casa Prunier.

Às vezes o desejo de experimentar algum acepipe o tomava de súbito: “eu bem que gostaria de comer uma fritura de esperlanos” (Albaret, 2008, p. 101). Entre seus pratos habituais, quando ainda costumava comer, estavam: linguados fritos, pequenas caldeiradas de galinha da qual comia alguns bocados, ovos mexidos, peras, salada russa. Café cotidianamente, pela sua herança balzaquiana, como estimulante. Não bebia vinho, ainda que os servisse nos jantares que oferecia eventualmente em sua casa: brancos, tintos, porto e champanhe, apenas Veuve Clicquot. Pessoalmente, admirava o frescor da cerveja. Sobretudo, daquela servida na Brasserie Lipp (Albaret, 2008).

Em dada época de sua vida Proust descobrira nos restaurantes e cafés um ambiente social que viria a superar o esplendor dos salões. “Em um grande restaurante, ele podia observar, sentar-se comodamente em um canto ao abrigo das correntes de ar, ser tratado como um príncipe, mostrar para com os garçons uma generosidade fantástica” (Painter, 1985, p. 241).

Dentre seus restaurantes preferidos estava o Larue. O Larue, comandado à época por Edouard Nignon, figurava junto com Montagné e Escoffier como um dos três nomes da Belle Époque parisiense, sendo conhecido por sua excelente comida e pela sua bodega de borgonhas (Sert, 2007). Em um guia datado de 1889, com o título *Guide des plaisirs à Paris*², o Larue é referido como um restaurante ao qual a elite parisiense tinha toda predileção. Localizado na Place de la Madeleine, como as pequenas *madeleines*, conchas de São Tiago.

Do talento culinário de Auguste Escoffier provava quando ia ao restaurante do Hôtel Ritz, que em determinada época chegou a ser seu segundo domicílio. Deste local Proust admirava, sobretudo, os sorvetes e a cerveja (Albaret, 2008).

Também frequentava os cafés Durand e Weber. Foi no Café Durand que Émile Zola escreveu *J'Accuse*, sua defesa a Dreyfus. O café fechou suas

² Disponível para download em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k932174b.image>

portas ainda no princípio do século XX. Acima dele estava a casa da Marquesa du Valon, dona de um dos salões mais elegantes da Paris do século XIX (Fitch, 2006). Estavam entre os clientes habituais desse café escritores, pintores e também membros de renome da sociedade parisiense que se sentavam em suas mesas para degustar uma costeleta com maçãs enquanto contemplavam a vista da Place de la Madeleine (Perreau, 1877). Já o Café Weber, extinto em 1961, situado na Rue Royale, era frequentado por nomes como os de James Joyce e Debussy e congregava o contingente dos jovens anti-dreyfusistas da época (Cambor, 2009). Em uma das cenas de *À sombra das raparigas em flor*, enquanto Françoise tenta se lembrar do nome de um restaurante que parece ter boa cozinha de família, o pai do narrador faz uma lista dos prováveis locais. Dentre eles está o Weber: Henry, restaurante na Praça Gaillon; Weber, cervejaria na Rua Royale; Café Anglais (Proust, 2006a, pp. 82, 3).

Quando Proust não tinha vontade de sair de casa, encomendava as refeições. Mas, por muitas vezes saía: as visitas aos restaurantes e cafés eram para si um momento de deleite (Sert, 2007; Tadié, 2000).

Uma de suas últimas visitas documentadas a restaurantes foi no ano de 1922, seis meses antes de sua morte. Era o restaurante do Hôtel Majestic, situado no centro de uma Paris luxuosa. A construção, que em 1908 deu lugar ao hotel, fora projetada para servir de residência à princesa Isabella II, da Espanha. Durante a Primeira Grande Guerra foi cenário de encontros e de recepção de delegações, como a Conferência de Paz de Paris, em 1919. Mas, apenas em 1922, no dia 08 de maio, o hotel tornou-se uma lenda. Em uma de suas salas de jantar, Proust dividiu a mesa com James Joyce, que chegara ao jantar já sob efeito do álcool, Pablo Picasso, Serge Diaghilev e Igor Stravinsky. A ocasião era a *première* do ballet de Stravinsky *Le Renard*. Um encontro memorável (Davenport-Hines, 2007; Lehrer, 2013).

Cotidianamente, porém, as parcas refeições no fim de sua vida eram preparadas por Céleste. Em um gesto de lealdade e amor ao Monsieur Proust, a sra. Albaret passou a se aventurar na cozinha, ainda que quase nada soubesse e pouco lhe apetecesse o ofício.

A partir de 1917, Proust já não pesava mais do que 45 quilos. Neste momento, o desejo pela obra o consumia completamente. E vivia das lembranças desses sabores. No dia 18 de novembro de 1922, aos 51 anos, o escritor morre em sua residência na capital francesa, vítima de complicações respiratórias (White, 2001, p. 33). Fenece pleno em sua obsessão: havia concluído a obra para a qual havia vivido: Em busca do tempo perdido.

Considerações finais

A partir da análise da trajetória alimentar de Marcel Proust pode-se encontrar muitos dos nós que servem de base para construção de seu texto.

Por exemplo, a fome presente em sua obra no contexto de guerra, pode encontrar relações com a fome do próprio autor, fruto da frugalidade da sua dieta. Mas, também pode-se compreender que nem sempre o texto literário guarda um compromisso com o autor. O homem Proust - diferentemente do jovem Marcel, analista da vida social em campo - abdicou de sua vida de restaurantes, preferindo gratificar garçons de restaurantes em troca de informações. Pedia toda espécie de detalhes: quem tinha jantado com quem, e que vestido usava naquela noite a sra. Tal e qual tinha sido o protocolo numa mesa ou noutra.

Essa dinâmica entre as dimensões do espaço narrativo onde se encontra o autor, oferecem ao leitor um meta-ponto de vista frutífero para os estudos da cultura alimentar. Marcel Proust (2013) fala da obra como uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo. Cabe ao leitor, segundo Barthes (1988, pp. 68, 9), a tarefa da produção do sentido do texto, que é para ele um “espaço de muitas dimensões, no qual estão casados e contestados vários tipos de escrituras, não sendo nenhum deles original: o texto é um tecido de citações que resulta de milhares de fontes de cultura” cabe ao leitor encontrar esta unidade.

Referências

- ALBARET, C. (2008). *Senhor Proust*. (G. Belmont, Ed.). São Paulo: Editora Novo Século.
- BALZAC, H. (2009). *Tratados da vida moderna*. São Paulo: Estação Liberdade.
- BARTHES, R. (1988). *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense.
- BARTHES, R. (2004). *O rumor da língua* (2nd ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- CAMBOR, K. (2009). *Gilded Youth: Three Lives in France's Belle Époque*. New York, NY: Macmillan.
- CITATI, P. (1999). *Proust*. São Paulo: Companhia das Letras.
- COLLIN, P. (1970). Food and drink a La Recherche du temps perdu. *Neophilologus*, 54(1), 244-257.
- COSNIER, C. (1971). *Marcel Proust*. São Paulo: Civilização brasileira.
- DAVENPORT-HINES, R. (2007). *Uma noite no Majestic: Proust, Joyce, Picasso, Stravinsky e Diaghilev no grande jantar modernista de 1922*. Rio de Janeiro: Record.
- DELEUZE, G. (2010). *Proust e os signos* (2nd ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FITCH, N. (2006). *The Grand Literary Cafés of Europe*. Califórnia: New Holland Publishers.
- HASQUENOPH, B. (2013). *Au bordel avec Proust*. Retrieved May 10, 2019, from <http://www.regards.fr/web/Au-bordel-avec-Proust>, 6883
- HONES, S. (2017). *Literary geography*. In D. RICHARDSON (Ed.), *The encyclopedia of geography*. New Jersey: John Wiley & Sons.
- JACOB, M. (2017). *Marcel Proust para além das madeleines: uma culinária indócil* (Vol. 6). Beau-Bassin: Novas Edições Acadêmicas.
- LEHRER, S. (2013). *Wartime Sites in Paris: 1939-1945*. Califórnia: SF Tafel Publishers.
- MURAT, L. (2005). Proust, Marcel, 46 ans, rentier. *La Revue Littéraire*, (14), 82-92.
- PAINTER, G. (1985). *Marcel Proust* (2nd ed.). Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan.

- PERREAU, A. (1877). *Tout Paris au café*. Paris: Maxime Rude.
- PROUST, M. (1999). *À la recherche du temps perdu*. (Jean-Yves-Tadié, Ed.). Paris: Éditions Gallimard.
- PROUST, M. (2001). *Sobre a leitura*. São Paulo: Editora Pontes.
- PROUST, M. (2006a). *À sombra das raparigas em flor* (3rd ed.). Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- PROUST, M. (2006b). *No caminho de Swann* (3rd ed.). Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- PROUST, M. (2007). *O caminho de Guermantes* (3rd ed.). Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- PROUST, M. (2008). *Sodoma e Gomorra* (3rd ed.). São Paulo: Ed. Globo.
- PROUST, M. (2011). *A prisioneira* (13th ed.). São Paulo: Ed. Globo.
- PROUST, M. (2013). *O tempo redescoberto*. São Paulo: Ed. Globo.
- QUEIROZ, M. (1994). *A literatura e o gozo impuro da comida*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- SERT, C. (2007). *El goloso: una historia europea de la buena mesa*. Madrid: Alianza Editorial.
- TADIÉ, J. (2000). *Marcel Proust: a life*. New York: Penguin Books.
- WHITE, E. (2001). *Marcel Proust*. Rio de Janeiro: Objetiva.